

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

MARCOS VINÍCIUS ALVES

RELÍQUIAS DA VERA CRUZ: NARRATIVAS E USOS POLÍTICOS

GOIÂNIA

2022

MARCOS VINÍCIUS ALVES

RELÍQUIAS DA VERA CRUZ: NARRATIVAS E USOS POLÍTICOS

Monografia para Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento

GOIÂNIA

2022

MARCOS VINÍCIUS ALVES

RELÍQUIAS DA VERA CRUZ: NARRATIVAS E USOS POLÍTICOS

Monografia para Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em História.

Local, 09 de Junho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Costa Aciole da Silva

Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento
(Orientadora)

Dedico este trabalho a Deus, o maior orientador da minha vida. Ele nunca me abandonou nos momentos de necessidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela sua misericórdia e amor infindável. Pela graça que nos foi concedida por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo, pela condução de meus passos e pela sabedoria advinda do Espírito Santo, sem a qual, este trabalho não teria sido feito. Agradeço também imensamente a minha família que sempre me prestou apoio e me incentivaram a seguir meus sonhos independente de minha opção pelo curso.

Agradeço também a minha orientadora Dr^a Renata Cristina de Sousa Nascimento que me motivou e me ajudou desde o 3.º período do curso, me orientando também em minha Iniciação Científica e estando sempre disposta a me auxiliar no que fosse preciso. Sem ela, com certeza, este trabalho seria difícil de ser realizado.

Agradeço imensamente ao meu pastor e grande amigo Eliel Gomes que muito me ajudou em algumas revisões e materiais de estudo, pelos conselhos e pelas opiniões. Agradeço também a todos os meus irmãos da Igreja Presbiteriana de Trindade, e da nossa Igreja Mãe 1ª Igreja Presbiteriana de Goiânia, pelas orações e amor mútuo.

Por fim, e de forma muito especial, agradeço ao professor que muito admiro: Me. Antônio Luiz de Souza que muito me ajudou durante toda minha jornada no curso; agradeço pelas orientações e pelo apoio prestado quando precisei.

A todos os citados acima, amigos e parentes, meus eternos agradecimentos. Vocês estarão sempre em minhas orações.

Quando se trata de conhecer a Deus, toda iniciativa depende dEle. Se Ele não se quiser revelar, nada do que façamos nos permitirá encontra-lo.
C. S. Lewis

RESUMO

O estudo sobre as relíquias tem se mostrado um campo fértil para novas abordagens no que tange ao imaginário medieval. A necessidade de estarem próximos ao místico fazia com que as pessoas viajassem quilômetros de distância em busca de sinais espirituais. As narrativas acerca das relíquias sustentavam o poder manifesto atribuído a estes objetos, fortalecendo e encorajando aos fiéis à busca pelo “divino tocável” afluindo nestes uma ressignificação da percepção sobre a vida, morte e redenção. Tais objetos se tornaram itens de muito prestígio e admiração que, devido ao significado atribuído a eles, possibilitaram sua utilização para fins políticos e para prestação de culto durante todo o contexto religioso medieval.

Em Portugal desde a ascensão de D. Afonso III ao trono (1248), houve uma gama de eventos posteriores que reforçaram o fortalecimento de seu poder. O ato de fortalecimento de sua autoridade teria dado início a um senhorio que colaboraria para a fundação de um mosteiro de grande importância, onde abrigaria uma das relíquias mais prestigiadas da Península Ibérica: o Santo Lenho, que por seu caráter supostamente miraculoso foi precursor de grande visibilidade, e valorização regional.

Palavras-chave: relíquias; sacralidades; santo lenho; poder simbólico.

ABSTRACT

The study about relics have been showing a fertile field to new approaches concerning the imaginary of the Middle Ages. The necessity of being near the mystic made people travel kilometers in the search of spiritual signs. The narratives concerning the relics supported the released power assigned to those objects, strengthening and encouraging the believers to search for the "palpable divine", blooming in them a re-signification of the perception of life, death and redemption. Such objects became items of great prestige and admiration that, due to the significance assigned to them, made possible that they were used for political means, as well as in the offering of service during the medieval religious context.

In Portugal, since the ascension of D. Afonso III to the throne (in 1248), there were a set of following events that reinstated the strengthening of his power. The act of fortification of his authority would have given start to a lordship that would collaborate to the foundation of a monastery of a great importance, where it would shelter one of the most prestigious relics in the Iberian Peninsula: the "Santo Lenho" which, due to its supposedly miraculous character, were the precursor of great regional visibility and valorization.

Keywords: relics; sacredness; holy wood; symbolic power.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mosteiro de Marmelar construído sob resquícios de arquitetura visigótica.....	34
Figura 2 – Mapa do Senhorio de Portel (1258) e Comenda de Vera Cruz de Marmelar (1274).....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I	
A TRADIÇÃO CRISTÃ E O ACHAMENTO DA SANTA CRUZ.....	19
1.1 História e Narrativas.....	25
1.2 Os cultos em Portugal: da Paixão à Vera Cruz.....	27
CAPÍTULO II	
A RELÍQUIA DO SANTO LENHO DE MARMELAR	33
2.1 A Igreja de Vera Cruz de Marmelar e o Santo Lenho.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

O estudo das relíquias tem sido cada vez mais abordado, visto que a importância de tais fragmentos e a ligação que os mesmos possuem com a política e o desenvolvimento de várias regiões proporcionam novas abordagens e novos meios para compreender determinados eventos. Renata Nascimento (2014) aponta-nos o significado atribuído às relíquias, entendendo as práticas e a necessidade do homem medieval em se aproximar do sagrado; “As relíquias são realidades materiais que têm por objetivo aproximar o homem do sagrado, cumprindo um papel cultural e espiritual, sendo fundamentais para o entendimento das práticas, dos rituais e das crenças cristãs” (NASCIMENTO, 2014, p.106). As construções de estudos como este seguem as tendências de abordagens historiográficas da História Cultural, destacando o conceito de imaginário, e seus usos. Os estudos sobre as relíquias envolvem o imaginário, o *modus operandi* da vida do homem medieval, os preceitos religiosos, o temor à morte e a condenação eterna.

Compreender as transformações sociais e religiosas é entender aquilo que Jacques Le Goff (1990) chama de “metamorfose da memória”. Nesse sentido o autor enfatiza sobre as transformações no modo de pensar do homem medieval, diz respeito ao que ele pontua como sendo a cristianização da memória acerca do pós-morte e das demais interações do homem e as representações do sagrado, daquilo que é “divino”. Tal compreensão possibilitou-nos perspectivas que podem colaborar para a realização de outros estudos que valorizem as relíquias e o significado atribuído a elas pelo homem medieval. A religiosidade e a ânsia pelo transcendental é notável nas peregrinações aos locais sagrados, assim como o desejo insaciável de estarem próximos ao “divino” nos apontam que as narrativas encontra-se no cerne da cosmovisão do homem medieval que, de acordo com Marc Bloch (1993), para eles, os dois universos –espiritual e físico– penetravam-se entre si¹, ou seja, o universo espiritual estaria acessível na terra podendo ter esse acesso fisicamente.

As peregrinações foram práticas advindas das narrativas; relatos de viajantes e de outras pessoas que diziam ter presenciado algum milagre, ou vivido alguma experiência extraordinária, fomentaram ainda mais a busca pelo acesso ao milagre, ao “divino manifesto”. A busca por essa “porta de acesso” ao espiritual tornou-se alvo de muitos que buscavam por

¹ BLOCH, 1993, p. 93

alívio de suas aflições, curas, milagres e proteção. A busca pelo poder manifesto nestes objetos tocáveis foi o motivo das viagens em busca do místico manifesto, os trajetos de peregrinação e os locais de cultos tornaram-se então pontos de referência, e locais de anseio para aqueles que buscavam a interação com o mundo espiritual.

As relíquias cristãs foram consideradas objetos de muito prestígio e admiração, pois onde se encontravam estes objetos sacros, consecutivamente atraíam peregrinos e habitantes para a região, devido ao seu caráter “santo”. O uso das relíquias possuía vários sentidos, desde seu significado espiritual quanto seus usos políticos. Esses objetos ganharam muita notoriedade, desde a descoberta da suposta cruz do Cristo feita por Helena – mãe do primeiro imperador romano cristão, Constantino-; “De acordo com a tradição cristã, o Santo Lenho foi encontrado, no século IV, por Helena, mãe do primeiro imperador romano cristão, Constantino, após visões reveladoras do sítio em que se encontrava” (PAGARÁ; SILVA;SERRÃO, 2006, p. 50).

A relíquia do Santo Lenho se preserva na Igreja de Vera Cruz de Marmelar (Mosteiro de Marmelar) município de Portel. Para a pesquisa se faz necessário o estudo de fontes documentais e imagens que valorizam a memória de um objeto que esteve presente em momentos cruciais do contexto estudado. Ao se tratar especificamente do desenvolvimento da região de Portel, autores como Ana Pagara (2006) e Costa (2013)² abordam fontes documentais de suma importância para a problemática acerca da formação, dos personagens, eventos e da presença do objeto sacro em seus usos políticos e territoriais.

A análise do desenvolvimento regional de Portel, os desdobramentos da atuação da Ordem do Hospital bem como os personagens envolvidos no processo de construção do Mosteiro de Marmelar, se faz importante para o estudo ao abordar intenção da criação da Igreja de Vera Cruz, da herdade de terras doadas por João de Aboim³ e a imaginação do pós-morte, na qual se pode notar através de fontes primárias abordadas por Barroca (2000) a preocupação com a vida e a morte, o imaginário do homem medieval e a crença da redenção através de boas obras.

Na trajetória do cristianismo esses objetos se fizeram presentes no mundo ocidental de maneira que, não se pode enumerar a quantidade de relíquias e, muito menos, a sua procedência; o imaginário do homem medieval buscava a presença do sagrado, algo que fosse

² FONSECA, Luís Adão da; Costa, Paula P; LENCART, Joana (ORG). **A Comenda de Vera Cruz de Marmelar Corpus Documental** (1258- 1640), Porto: Militarium Ordinum Analecta- Fontes para o Estudo das Ordens Religioso- Militares, 2013.

³ O concelho de Évora faz doação de uma herdade situada no termo desse mesmo concelho a D. João Peres de Aboim e à sua mulher e filhos. FONSECA, Luís Adão da; Costa, Paula P; LENCART.

palpável e visível. Vemos nas mitologias da antiguidade, por exemplo, religiões pagãs muito anteriores ao cristianismo que já possuíam imagens, símbolos, sinais da presença “poderosa” de uma divindade em determinado lugar, preenchendo a necessidade do homem medieval em estar próximo do espiritual. A relíquia possuía este poder, o poder da atração, do “divino tocável” e é isso que fez com que sua presença estivesse em praticamente todo contexto religioso medieval, não só pelo discurso da ligação de fé entre o homem e o sagrado, como também por seus usos políticos que beneficiavam tanto a igreja quanto aos governantes.

Para este tipo de abordagem – sacralidades, poder e memória– a nova História Cultural se torna a abordagem que melhor se enquadra para a realização de pesquisas voltadas para esta temática, Conforme explicita José D’ Assunção Barros (2011) “Assim, por exemplo, a opção de historiadores pela História da Igreja ou pela História da Religião, desloca-se com a incidência da História Cultural para uma “História das Religiosidades”, ou, mais propriamente falando, uma História das Práticas Religiosas”⁴ A intenção deste trabalho é expor a importância das relíquias cristãs no contexto medieval, especificamente, na Península Ibérica e, mais precisamente, em Portugal, onde se encontra uma das relíquias mais admiráveis aos fiéis: o Santo Lenho, suposto fragmento da cruz em que Jesus Cristo foi crucificado. O estudo sobre as relíquias tem se mostrado promissor para a compreensão de eventos importantes que tiveram esses objetos como sendo uma via de poder simbólico do “divino tocável”.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos; no primeiro capítulo abordaremos sobre a tradição cristã e o achamento da Vera Cruz; História e Narrativas e Os cultos em Portugal, da Paixão à Vera Cruz.

Aqui, buscamos trazer notoriedade à importância das buscas realizadas por Helena à procura de vestígios da estada de Cristo na terra que deram início a uma ressignificação à Jerusalém, criando uma identidade cristã e elevando a notoriedade do território. Os locais por onde Cristo esteve foram alvos de intensas buscas para trazer confirmação aos relatos bíblicos, bem como gerar notoriedade na religião cristã. A partir disso, histórias e narrativas ganharam grande repercussão pelo caráter milagroso manifesto em determinados locais e por determinados objetos presentes na vida e morte de Cristo, fazendo com que os locais sagrados se tornassem alvos de peregrinações e locais de culto. As buscas realizadas por Helena,

⁴ BARROS, J. D’A. A Nova História Cultural - considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 1º sem. 2011. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958> >. Acesso em: 27 maio. 2022.

segundo as narrativas, proporcionou o achamento da suposta verdadeira cruz em que Cristo foi crucificado, gerando grande desejo nos fiéis de estarem próximos ao objeto sagrado, bem como proporcionando visibilidade ao achado milagroso e maior símbolo da fé cristã: a cruz de Jesus, o Cristo ressurreto.

No capítulo 2 as abordagens se concentram na Relíquia do Santo Lenho de Marmelar e a Igreja de Marmelar e o Santo lenho.

A intenção nesta abordagem é enfatizar o sentimento religioso e o significado profundo atribuído à cruz de Cristo, mostrando que os cultos foram realidades vividas e praticadas durante todo este contexto, gerando visibilidade e repercussão sobre o relíquia da suposta Vera Cruz. Ao se tratar da relíquia do Santo Lenho em Portugal, explicamos que o significado atribuído a ela e seu poder atração, possibilitaram uma série de eventos que deram início a grandes transformações, especialmente no século XIII, com o enraizamento de uma ordem militar de cunho religioso (Ordem Hospitalária) na região de Portel e o surgimento de feiras comerciais que alavancaram economicamente a região, fortalecendo e gerando visibilidade do poder régio estabelecido nela. Neste capítulo, buscaremos explicitar o poder de influência da relíquia e seus usos políticos por parte de seus portadores.

Para a realização da pesquisa, utilizamos fontes documentais e narrativas que ao longo dos séculos vieram nutrindo os cultos e o caráter memorialístico das relíquias e dos santos mártires. Atualmente é possível encontrar artigos e projetos dos mais diversos temas sobre a Península Ibérica Medieval e, principalmente sobre “sacralidades” deste período, como Fátima Fernandes (2012), por exemplo, trabalha em uma análise sobre narrativas e poder na Idade Média Portuguesa, debruçando-se sobre a Batalha do Salado de 1340, a partir da qual são trabalhadas relações de poder, linhagens, poder régio e a participação do “sagrado” em algumas narrativas acerca da batalha envolvendo muçulmanos e cristãos.

CAPÍTULO 1

A TRADIÇÃO CRISTÃ E O ACHAMENTO DA SANTA CRUZ

Desde o Antigo Testamento, profetas anunciaram o nascimento e a grandeza do Messias, assim como sua atuação enquanto pastor do rebanho de Deus, aquele quem traria consolação e exerceria o direito e a justiça sobre a terra. Talvez uma das profecias mais conhecidas sobre a vinda do Salvador seja a anunciada pelo profeta Isaías entre 740 e 681 a.C; No livro de Isaías (capítulo 9) o profeta aponta sobre as peijas na região norte do reino de Israel, região que era fortemente atacada pelos assírios e, de forma agravante, se tornava a primeira área a ser atacada por se tratar de uma região fronteiriça. O profeta registra que esta área também conhecida como Galileia, em um futuro, não seria mais tão problemática; O profeta menciona que Deus traria a luz sobre as sombras, essa “luz” a qual o profeta menciona seria a presença de Deus manifesta na pessoa de Cristo que viria e governaria sobre a terra. Neste capítulo o profeta anuncia o nascimento do Salvador da humanidade:

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai eterno, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça. Desde agora e para sempre, o zelo de Iahweh dos Exércitos fará isto. (BÍBLIA de Jerusalém, 2016, Isaías, 9: 5-6)

Há também registros do profeta Jeremias de entre 628 e 580 a.C. que da mesma forma anunciava a vinda do Messias e o cumprimento da promessa que Deus havia feito de estabelecer o seu reino sobre a terra:

Eis que dias virão — oráculo de Iahweh — em que suscitarei a Davi um germe justo; um rei reinará e agirá com inteligência e exercerá na terra o direito e a justiça. Em seus dias, Judá será salvo e Israel habitará em segurança. Este é o nome com que o chamarão: Iahweh, nossa justiça. (BÍBLIA de Jerusalém, 2016, Jeremias, 23: 5-6)

O nascimento de Jesus Cristo, sua vida e seus ensinamentos tomaram grande repercussão devido a sua vida piedosa e santa. Tomou ainda maior repercussão por ele ter sido acusado pelos próprios judeus, cuspidor, humilhado e condenado publicamente por se revelar como sendo o filho de Deus, aquele que fora anunciado pelos profetas como sendo o libertador do povo de Deus e o salvador da humanidade.

Conforme as escrituras, durante sua vida na terra, Jesus Cristo propagou ensinamentos aos seus discípulos e a multidão que o seguia, além de curar enfermos, ressuscitar mortos e realizar milagres visíveis a todos de sua época (Jo 9: 1-10; Lc 7: 14-15; Mc 2: 11-12). Na

Bíblia, a morte vicária de Cristo na Cruz do Calvário simboliza a vida, pois foi o sacrifício perfeito aos olhos de Deus. No madeiro, Cristo pagou pelos pecados da humanidade, sua morte expiatória teria ligado o homem a Deus por intermédio da Paixão de Cristo. Esta paixão é tida como oblação e satisfação definitiva não só por um pecado, mas por todos os pecados da humanidade⁵.

Após a morte de Cristo, os doze discípulos escolhidos por ele deram continuidade na pregação do evangelho vivido e ensinado pelo Cristo. A ressurreição teria sido a maior prova do poder de Deus e o cumprimento de suas promessas descritas na Bíblia⁶. Assim como Cristo, os apóstolos também foram reconhecidos como pessoas santas que, apesar de pecadores imperfeitos, buscaram uma vida piedosa e de retidão perante Deus.

A cidade de Jerusalém tornou-se então local de veneração e reconhecimento do poder manifesto de Deus. Desde os tempos do Rei Davi quando a cidade teria então se tornado a capital de seu reino. Jerusalém ganhou notoriedade e reconhecimento de cidade santa. Renata Nascimento (2021) apresenta-nos que a santidade regional teria sido garantida pela presença de uma das relíquias mais sagradas já existentes: a Arca de Deus⁷. Esta Arca representava a presença da própria divindade de Deus em meio ao seu povo. Em um dos livros do Pentateuco escritos por Moisés é nos apresentado o tamanho, formato e estética, evidenciando a importância e significado que a arca teria. A Arca teria sido feita para armazenar os dez mandamentos, as leis que Deus havia revelado a Moisés.

Farás uma arca de madeira de acácia com dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura. Tu a cobrirás de ouro puro por dentro e por fora, e farás sobre ela uma moldura de ouro ao redor. Fundirás para ela quatro argolas de ouro, que porás nos quatro cantos inferiores da arca: Farás também varais de madeira de acácia, e os cobrirás de ouro. E enfiarás os varais nas argolas aos lados da arca, para ser carregada por meio deles. Os varais ficarão nas argolas da arca, não serão tirados dela. E colocarás na arca o Testemunho que te darei. (BÍBLIA de Jerusalém, 2016, Êxodo, 25: 10-16)

Com a propagação cada vez maior do evangelho de Jesus Cristo, a cidade de Jerusalém passaria então a ser o destino principal das peregrinações de fiéis religiosos que almejavam estar no mesmo solo ao qual Cristo viveu, aplicou seus ensinamentos e sofreu morte violenta pelos pecados da humanidade. “A cidade de Jerusalém ocupa, então, lugar fundamental na espiritualidade e identidade cristãs” (NASCIMENTO, 2021, p. 67). A notoriedade da Cidade Santa está em sua historicidade, essa notoriedade ocorre desde a batalha exitosa do rei Davi contra os filisteus (2 Sm, 5: 24-25) até a manifestação sagrada da

⁵ Ver BÍBLIA de Jerusalém, 2016, Hebreus, 10:10

⁶ Mt 28, 6-7

⁷ No Antigo Testamento este objeto que também é conhecido como Arca da Aliança, representava a presença de Deus no meio de seu povo .

divindade de Deus na pessoa do Cristo. O conceito de sagrado apresentado por Mircea Eliade (1992) acentua que “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 1992, p. 13). A presença física de Deus na terra possibilitou que o divino fosse palpável e visível aos homens. A morte e ressurreição de Cristo consolidaram a mortificação na carne e a vivificação pelo Espírito (1Pe, 3: 18).

É notório que o cristianismo se solidificou e tomou robustez a partir do reinado de Constantino I, quando o mesmo decretou tolerância ao cristianismo como religião através do Édito de Milão (313) anulando as perseguições incessantes contra os cristãos. Seu triunfo sobre Maxencio (312) e sobre Licínio (324) –co-autor do Édito de Milão– foi interpretado por Eusébio de Cesaréia (260/65-339/40) como sendo uma vitória permitida por Deus e, desta forma, Constantino seria um escolhido de Deus para triunfar contra os ímpios. “Foi, portanto, a este que, do alto do céu, qual fruto de piedade, Deus concedeu os troféus da vitória sobre os ímpios. Quanto ao criminoso, com todos os seus conselheiros e amigos, prostou-o aos pés de Constantino.” (CESARÉIA, 2000, p. 505). É inegável que partir do século IV o cristianismo ganhou maior repercussão devido o fortalecimento da fé cristã por meio das ressignificações dos locais sagrados. Na Palestina Constantino transfigurou a Aelia Capitolina⁸ na Jerusalém cristã, o solo sagrado seria levado a uma reforma para a cristianização de todo território, fortalecendo a espiritualidade e a genuinidade das narrativas e evidências de locais e objetos sagrados com o que Nascimento (2021)⁹ caracteriza de “arqueologia sagrada”.

Essa arqueologia consistia na desconstrução de todos os resquícios de Aelia, principalmente seus símbolos pagãos espalhados por toda a cidade, para que fosse possível a realização de uma “varredura” em busca dos espaços sagrados e objetos sacros presentes no território e que rememoravam a estada do Messias sobre o solo sagrado. A missão então era construir uma Jerusalém com identidade cristã, reestruturando os espaços considerados sagrados para o fortalecimento da fé em memória de Cristo que, de acordo com as narrativas, esteve fisicamente nesses locais.

A própria Bíblia incorpora a história Judaica sobre uma nova ótica, pois as profecias do Antigo Testamento direcionavam o percurso da história até a vinda do Messias. Ele era personificado para a nova religião na pessoa do Cristo. Então, os cenários em que ele teria atuado tornaram-se significativos, pois ali sua presença poderia ser sentida. (NASCIMENTO, 2021, p. 73)

⁸ Foi uma colônia romana fundada em torno de Jerusalém pelo imperador Adriano entre os anos 129/130.

⁹ NASCIMENTO & Costa, Paula P. & COSTA, Paula Pinto. **A Visibilidade do Sagrado**: Relíquias Cristãs na Idade Média. 2. ed. Curitiba: Appris, 2021, p.72

Como mencionado anteriormente, o século IV ficou marcado na história do cristianismo por ter sido o século em que a religião cristã recebeu maior notoriedade e repercussão. As buscas pelos locais sagrados citados na própria Bíblia e por objetos considerados santificados tornaram-se parte do processo de ressignificação para a cidade Jerusalém. Esses objetos ganharam muita notoriedade no medievo, desde a descoberta da suposta cruz do Cristo feita por Helena¹⁰ – mãe de Constantino – no ano de 326. “De acordo com a tradição cristã, o Santo Lenho foi encontrado, no século IV, por Helena, mãe do primeiro imperador romano cristão, Constantino, após visões reveladoras do sítio em que se encontrava” (PAGARÁ;SILVA;SERRÃO, 2006, p. 50).

A tradição cristã solidificada pela igreja foi construída por meio de narrativas de feitos miraculosos, martírios, peregrinação e morte. A noção de manifestação do poder de Deus e a crença em milagres de variados teores tem por base principal a Bíblia. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, há registros de vários milagres e prodígios que fortaleceram o imaginário do homem medieval. Na passagem de Jesus Cristo pela terra, há vários relatos bíblicos de suas obras milagrosas e de seu poder, de até mesmo ressuscitar pessoas (Jo 11, 38-45). A partir dos relatos bíblicos muitos fiéis acreditam alcançar a cura e dissolver seus problemas através de orações, ou até mesmo através de apenas um toque em algo que é “santo”. O livro de São Lucas apresenta a cura de uma mulher que possuía uma hemorragia persistente e que ao tocar em Jesus foi curada, daí a noção de que simplesmente um toque naquilo que é santo é capaz de alcançar a graça almejada.

Certa mulher, porém, que sofria de um fluxo de sangue, fazia doze anos, e que ninguém pudera curar, aproximou-se por detrás e tocou a extremidade de sua veste; no mesmo instante, o fluxo de sangue parou. E Jesus perguntou: "Quem me tocou?" Como todos negassem, Pedro disse: "Mestre, a multidão te comprime e te esmaga". Jesus insistiu: "Alguém me tocou; eu senti que uma força saía de mim". A mulher, vendo que não podia se ocultar, veio tremendo, caiu-lhe aos pés e declarou diante de todos por que razão o tocara, e como ficara instantaneamente curada. Ele disse: "Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz" (BÍBLIA de Jerusalém, 2016, Evangelho segundo São Lucas, 8: 43-48)

Durante a Idade Média houve a procura por túmulos de santos, estes eram escavados para a prestação de culto e para extração de partes dos seus corpos e ou objetos utilizados pelos mesmos que, para muitos fiéis, eram considerados fragmentos santificados. Para a confirmação de que tal objeto ou corpo era genuinamente santo, as narrativas apontam a manifestação de aromas esplendorosos e milagres visíveis, através daquilo que José Mattoso

¹⁰ Ver MARTINEZ (2007)

(2001) cunhou de “poderes invisíveis”. As relíquias foram então objetos importantíssimos para o fortalecimento da fé cristã na Idade Média. Pela igreja foram designadas como relíquias despojos dos santos, tais como cabelo, fragmentos de ossos e sangue; objetos tocados pelos santos ou tecidos utilizados pelos mesmos e até mesmo os instrumentos utilizados para ferir e martirizar os homens de Deus. O maior exemplo destes instrumentos é o *Lignum Crucis*¹¹ que teria sido utilizado para crucificar Jesus Cristo.

Para entendermos como ocorreu a descoberta do madeiro, é necessário que recorramos à Bíblia para se ter uma referência importante no que diz respeito ao local da crucificação de Jesus Cristo que, de acordo com os Evangelhos teria sido crucificado em um local chamado Gólgota, “E levaram Jesus ao local chamado Gólgota, que traduzido, quer dizer lugar da caveira. E ali o crucificaram junto aos malfeitores, um, a direita, e outro, à esquerda” (Lc 23: 33). Este local foi alvo do que Nascimento (2021) denomina de “arqueologia sagrada”. O local denominado Gólgota também conhecido por Calvário¹² foi alvo principal das escavações comandadas por Helena na intenção de encontrar o objeto mais sagrado do cristianismo: a Santa Cruz. Varazze (2003, apud NASCIMENTO, 2021, p.77) escreve que “[...] ao chegar em Jerusalém, Helena convocou para uma reunião todos os sábios judeus da região, que, temerosos, perguntavam entre si: porque será que a rainha nos convocou?”. Judas, um dos participantes da reunião, teria dito: “[...] o que sei é que ele quer que digamos sobre onde está a madeira da cruz na qual Cristo foi crucificado”¹³.

Quando estiveram diante da rainha e ela lhes perguntou sobre o lugar em que o Senhor fora crucificado, nenhum deles quis indicar, e ela os condenou a serem queimados. Eles ficaram apavorados, e apontando Judas disseram: Senhora, eis o filho de um justo e profeta que conheceu perfeitamente a Lei. Pergunte-lhe tudo o que quiser, ele responderá. Ela então mandou todos embora, com exceção de Judas, a quem disse: Proponha que escolha entre a morte e a vida. Neste último caso, mostre-me o lugar que se chama Gólgota, onde o Senhor foi crucificado, para que eu possa encontrar a sua cruz. Judas respondeu: Como posso saber, se passaram mais de duzentos anos e eu não tinha nascido naquela época? A rainha retrucou: Pelo crucificado, eu o farei morrer de fome, se não me disser a verdade. Mandou então que fosse jogado num poço seco, para lá padecer os horrores da fome. Depois de seis dias sem comida, no sétimo dia ele pediu para sair e prometeu descobrir a Cruz. Ele foi tirado de lá e dirigiu-se ao lugar procurado, onde fez uma prece. De repente a terra começou a tremer e a espalhar a fumaça de admirável aroma. O próprio Judas, maravilhado, aplaudia enquanto dizia: Em verdade, Cristo, você é o Salvador do mundo. VARAZZE (2003, apud NASCIMENTO, 2021, p. 79-80).

É perceptível que para o homem medieval estar em contato direto com um objeto considerado “santo” era o mesmo que estar na presença física da divindade de Deus e de seu

¹¹ Fragmento da Cruz de madeira ou Santo Lenho, sendo entendido por ser supostamente uma parte da cruz na qual Jesus foi crucificado.

¹² Colina na qual ocorreu a crucificação de Jesus Cristo.

¹³ (NASCIMENTO, 2021, p. 77)

poder manifesto. O êxtase em estar próximo da cruz e o aroma dela exalado é caracterizado pela hagiografia como sendo um odor de santidade (NASCIMENTO, 2021, p. 78). Ao se tratar do imaginário e mentalidades dos homens na Idade Média, Marc Bloch assinala em sua obra *Os Reis Taumaturgos* que “Os atos, os objetos ou os indivíduos sagrados eram imaginados não apenas reservatórios de forças aptas a atuar no outro mundo mas também fontes de energia suscetíveis de influência imediata sobre a vida cá na terra” (BLOCH, 1993, p. 93).

É importante observar o fato curioso manifesto na descoberta da cruz mencionada por Varazze: a exalação de um aroma indescritível, um “aroma celestial” que difere de todos os outros. Este aroma é o que confirma a narrativa sobre genuinidade do fragmento sagrado. Também pode ser visto como o que José Mattoso (2001) denomina de “poderes invisíveis”. Estes poderes podem ser entendidos pelo que Marc Bloch chama de “energia de influência imediata”¹⁴, é como se fosse uma porta de acesso celestial. “A todos os povoadores do mundo invisível se atribuíram funções, caracteres específicos, modos de comportamento. A ordem que nele reinava, e que incluía uma circunscrição do mal, da sua atuação e do seu castigo, deveria transmitir-se também ao mundo sensível” (MATTOSO, 2001, p. 14-15).

As narrativas que legitimam a tradição cristã foram construídas a partir das manifestações miraculosas nas relíquias comprovando o poder incorporado nelas. Outro sinal de que a cruz encontrada por Helena era genuína teria sido manifestado por meio de um milagre de ressuscitação registrado na narrativa da *Legenda Áurea* conforme citado por Nascimento (2021):

Segundo a História Eclesiástica, havia naquele local um templo de Vênus, construído pelo imperador Adriano para que se algum cristão quisesse fazer ali suas adorações, acabasse por adorar Vênus. Por este motivo o local ficara abandonado e esquecido, mas ainda assim a rainha mandou destruir o templo até suas fundações e limpar aquela terra. Depois disso Judas arregaçou as mangas e pôs-se a cavar com vontade. Quando atingiu vinte passos de profundidade, encontrou três cruzes, que imediatamente levou à rainha. Como ninguém era capaz de distinguir a cruz de Cristo da dos ladrões, as três foram colocadas no centro da cidade à espera de que a glória de Deus se manifestasse. Quando, na hora nona, passou por ali o corpo de um jovem que ia ser sepultado, Judas deteve o féretro, pôs uma primeira e uma segunda cruz sobre o cadáver do defunto, que não ressuscitou. Trouxeram então a terceira, que, no mesmo instante devolveu o defunto à vida. (NASCIMENTO, 2021, p. 79-80)

Após este milagre, a cruz então foi dividida em três partes; uma parte teria permanecido na Cidade Santa, a outra teria mandado para Constantino e a terceira parte teria levado consigo para Roma (NASCIMENTO, 2021, p. 81). Tal descoberta incentivou a peregrinação de vários fiéis à Jerusalém em busca da satisfação em estar próximos dos

¹⁴ Ver (BLOCH, 1993, p. 93)

vestígios do Salvador. A relíquia do Santo Lenho é considerada de maior grau, pois teve contato direto com o Messias, sendo essa o objeto que, além de ser usada na sua morte, continha o peso dos pecados da humanidade que foram pagos por Cristo. “Quando Jesus tomou o vinagre, disse: “Está consumado!” E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.” (Jo 19, 30).

1.1 Histórias e Narrativas.

Diferente de nomadismo¹⁵, os viajantes da Idade Média percorriam por vários caminhos em busca de satisfação espiritual. Nota-se que, no íntimo do homem medieval existia uma necessidade de proximidade com o místico, encarar uma realidade de sofrimento, dores, constantes tribulações e guerras fazia com que homens e mulheres na Idade Média recorressem a uma busca pelo conforto de estarem próximos ao “divino”. “O desejo de peregrinar está profundamente arraigado na natureza humana” (RUNCIMAN, 2003, p. 46).

Peregrinar quer dizer ir ao encontro de algo complementar transcendental ao homem, as “viagens espirituais” tinham o objetivo então de ir à busca de locais sagrados entendidos como frestas de vazões místicas manifestas em determinados locais. A necessidade em peregrinar pode ser entendida como um sentimento profundamente religioso que, na cristandade, por exemplo, mostrou-se bastante presente no contexto religioso medieval, tendo consigo um caráter de culto, prece, promessa e sacrifício. Fazer votos e ir ao encontro do “divino” é algo prático a ser exercido por intermédio fé em um poder místico invisível manifesto.

Tais peregrinações foram alimentadas pelas narrativas cristãs acerca do caráter divino existente em alguns santos reconhecidos como sendo pessoas usadas por Deus em seu ministério. A princípio temos como exemplo as peregrinações com destino à Palestina na busca em estar no mesmo solo pelo qual Cristo andou e viveu muitas de seus feitos extraordinários. De acordo com relatos apresentados por Steven Runciman (2003) antes mesmo de a imperatriz Helena terminar sua arqueologia religiosa em Jerusalém, um viajante já teria registrado sua estadia no local e, posterior a isso, teria se dado início as primeiras peregrinações à Terra Santa¹⁶.

A Cosmovisão cristã do homem medieval é algo complexo e muito curioso se

¹⁵ É um modo de viver sem se estabelecer em um local fixo, durante toda a vida de um nômade, o mesmo viaja para vários locais, cidades, países. O nomadismo é um constante deslocamento por motivos comerciais, climáticos ou por aventura.

¹⁶ Para tanto, ver RUNCIMAN, 2003, p 47

colocarmos em questão os reais motivos que levavam as pessoas a se realizarem com suas buscas pelo divino tocável e visível. As relíquias cristãs, indiferentes dos locais sagrados também foram consideradas como objetos portadores de milagres, tais itens fomentavam as viagens santas. “A distinção entre real e imaginário nas narrativas de viagens não é muito clara. O maravilhoso é um elemento discursivo frequente nas narrativas medievais” (NASCIMENTO, 2021, p. 88). A partir das narrativas cristãs as buscas pelos locais e/ou fragmentos dos santos eram realizadas na intenção de alcançar a cura física do corpo, a satisfação da alma e a “proteção divina” encontrada nos locais santificados.

Assim como o jejum¹⁷ possui caráter de sacrifício e santificação na Bíblia (Jl 2: 12; Ed: 8: 23) a peregrinação era vista como sacrifício a Deus. As dificuldades climáticas e os perigos que corriam pelo caminho eram enxergados como parte da expiação pelos pecados em busca do êxtase espiritual que receberiam quando chegassem ao encontro do alvo que buscavam. Em sua análise sobre o poder curativo do sagrado, Marc Bloch pontua que os homens da Idade Média possuíam uma visão das coisas religiosas muito voltadas ao material, neste caso, uma dificuldade de compreensão desvinculada da realidade terrena: “A seus olhos, não havia um abismo intransponível entre o mundo em que viviam e o mundo maravilhoso para o qual os ritos cristãos abriam a porta; os dois universos penetravam-se mutuamente” (BLOCH, 1993, p. 93).

As peregrinações rumo à Jerusalém em busca da experiência extraordinária em estar próximo aos locais em que Cristo viveu, foram as viagens mais almeçadas pelos fiéis da época. Como menciona Nascimento (2021) “A rememoração da paixão de Cristo na Palestina elevou o status espiritual da região. Muitos homens e mulheres desejavam peregrinar até lá, para viverem uma experiência mística especial” (NASCIMENTO, 2021, p. 82). Na Terra Santa os peregrinos passariam pela via das dores de Cristo, de seu amor infindável; pelos caminhos palcos de milagres, realizações gloriosas de curas e ensinamentos realizados por Jesus Cristo.

O trajeto até Jerusalém estava repleto de relíquias, que preparavam espiritualmente o peregrino para estar na Basílica do Santo Sepulcro. A rota era também santificada pela existência de túmulos, igrejas e espaços que lembravam ao fiel à presença e o sacrifício de Cristo pela humanidade. O auge seria atingir o local da crucificação e do sepulcro do Salvador. (NASCIMENTO, 2021, p. 88).

O poder espiritual atribuído as relíquias fazia com que a ânsia por ter um encontro com determinado objeto fosse maior. Além disso, cada relíquia possuía um grau maior de

¹⁷ Diz respeito a abstenção de se alimentar. Na bíblia essa abstinência tem como intenção enfraquecer o corpo e se sentir mais sensível espiritualmente. Jesus também jejuou por quarenta dias e quarenta noites. Ver Mt 4:1-11

poder atribuído a ela, sendo a Cruz de Cristo a maior e mais notável relíquia de todas. O encontro com a Santa Cruz era almejado por todos os fiéis, estar em contato com o objeto que outrora teria sido banhado pelo sangue de Jesus proporcionaria satisfação e, certamente, a convicção de que todos os males cairiam por terra na presença do poder divino. A adoração ao Santo Lenho seria então o auge de todo o percurso dos peregrinos. (NASCIMENTO, 2021, p. 89).

Todo o trajeto e seu significado para os fiéis possuíam, como dito acima, um forte sentimento religioso e a necessidade de estarem próximos ao divino palpável. A veracidade das relíquias não era alvo de discussão ou dúvidas: “Mas os olhos dos fiéis viam-nas pela fé e não pela lógica do autêntico ou falso” (GOMES, 2009, p. 62). Entendemos que o principal de toda a missão peregrina é o alvo final, a verdade na qual acreditavam encontrava-se nos santos objetos e nos locais sagrados apresentados pelas narrativas.

Com o passar do tempo as peregrinações aumentaram e se estenderam para vários locais, onde quer que existisse uma relíquia, certamente haveria peregrinação e a busca pelo milagre. O ato devocional de fé tomou tanta aderência na Idade Média que de acordo com Ana Pagará (2006) em meados do século XI nascia a Ordem de São João de Jerusalém que prestaria assistência aos pobres, necessitados e aos peregrinos que viajavam rumo ao Santo Sepulcro:

Um grupo de mercadores de Amalfi funda, em meados do século XI, um hospital próximo do Santo Sepulcro, o qual, aquando da tomada de Jerusalém, em 1099, já possuía uma capela dedicada a São João de Alexandria, encontrando-se dirigido por um leigo, Gerardo, sob a tutela dos beneditinos. A Ordem de S. João possuía estabelecimentos hospitalares em Jerusalém, Acre Chipre e Rodes, para além de vários sítios na Europa. (PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006, p. 30)

Os atos de devoção e de constantes buscas pelo sagrado fomentaram a procura por relíquias de santos mártires, gerando assim visibilidade para os locais portadores dos santos objetos; tais fragmentos, colaboraram para o desenvolvimento regional do local de sua estadia, sendo este dotado de significado pelo poder manifesto através desses objetos.

1.2 Os cultos em Portugal, da Paixão à Vera Cruz.

É perceptível que o culto ao Santo Lenho ganhou maior repercussão pela quantidade de milagres a ele atribuídos. A grande devoção, apreço e o inestimável significado das relíquias da Santa Cruz desencadearam cultos, festas e o surgimento de feiras comerciais que alavancaram o contexto socioeconômico das regiões portadoras da relíquia. Entender a

importância do significado supostamente milagroso da Santa Cruz nos desdobramentos da história, especificamente no que diz respeito a história religiosa de Portugal, possibilita-nos evocar eventos como a Batalha do Salado (1340); a edificação do Mosteiro de Marmelar e a implantação da Ordem de São João de Jerusalém (Ordem Hospitalaria) em Portel¹⁸ e como a presença do Santo Lenho no contexto ibérico foi capaz de potencializar o povoamento, desenvolvimento e sacralização territorial.

Sua presença em Portugal tem como um dos marcos principais a manifestação deste objeto na Batalha do Salado (1340) regida pelo rei de Portugal Afonso IV e de seu companheiro de armas D. Álvaro Gonçalves Pereira. Nessa batalha é narrado que a vitória foi possível, graças a presença da relíquia no campo de batalha e sua graça miraculosa manifesta a favor dos cristãos. —*Disse [a] dom Alvaro Gonçalvez de Pereira [...] que fizesse mostrar a Vera Cruz do Marmelar que lhi el mandara trager* (FERNANDES, 2012, p. 81). Posteriormente a relíquia teria sido dividida em duas partes para a estadia tanto na Sé de Évora quanto no Mosteiro, na intenção de preservar seu simbolismo. O surgimento de feiras no local também veio a se dar graças ao reconhecimento que a relíquia havia tomado. De acordo com Pagará (2006):

Um aspecto interessante a abordar quando se fala de Vera Cruz de Marmelar é a ligação que se promoveu, ao longo dos séculos, entre a vivência religiosa do lugar, desenvolvida em torno do culto da relíquia do Santo Lenho, e a realização de eventos de carácter comercial, tal como foi comum desde a Idade Média. O entendimento da importância desta associação por parte dos comendadores de Vera Cruz proporcionou uma certa vitalização socioeconômica na região e, em particular, nesta aldeia. A economia local beneficiava bastante com a realização de feiras, uma vez que estas permitiam o escoamento de produtos locais e a compra de outros necessários, atraindo gente e mercadores de todo o lado. O tempo da feira garantia uma —paz temporária para quem a frequentasse, com determinadas regalias dos pontos de vista jurídicos e económico. Neste campo, o papel dos monarcas portugueses foi determinante ao conceder a chamada —Carta de Feira a Vera Cruz, numa clara intenção de beneficiar a comenda hospitalária e promover o desenvolvimento socioeconómico da região. (PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 41)

O culto a Sagrada Cruz é um ato de reconhecimento do poder de Deus manifesto no objeto sacro, além de ser uma prática que reforça e solidifica a importância da relíquia no desenvolvimento regional, bem como a sua capacidade em atrair peregrinos para o território santificado por causa do poder manifesto, bem como seus usos políticos. O que tange tal perspectiva acerca da Vera Cruz são as narrativas místicas cristãs emergida no imaginário do homem medieval, fazendo com que o indivíduo —em êxtase pelo contato ou proximidade de

¹⁸ A Ordem do Hospital teria herdado algumas terras por parte de D. João de Aboim; A administração da região pelo Senhor de Portel visava segurança e visibilidade do poder régio de Afonso III estabelecido na região na figura de seu mordomo-mor D. João de Aboim. A Ordem Hospitalária cumpriria um papel de cunho militar estabelecendo seu enraizamento e patrulhamento em todo o território, sendo este um território fronteiriço.

algo “divino”– espalhasse a notícia de tal manifestação e buscasse estar sempre próximo do “divino palpável”. Tal repercussão de feitos maravilhosos valorizava o território portador dos objetos sacralizados e potencializava o aumento populacional e, consecutivamente, o desenvolvimento socioeconômico regional.

Para potencializar a credibilidade da suposta Cruz, há registros como o de Francisco da Pina Patalim, onde o mesmo relata sobre um exorcismo ocorrido na Igreja de Vera Cruz no ano de 1717, de acordo com Pagará (2006) é possível perceber de forma clara a sua intenção de fazer desvanecer qualquer dúvida que subsistisse relativamente à autenticidade do Santo Lenho e isso é perceptível na transcrição do texto original do relato:

Cazo sucedido e manifesto no anno de 1717, em publica veneração e mostra que se fez desta precioza relliquia perante muitas peçoas ecclesiásticas e seculares desta vila e seu termo e de outras de terras circumvizinhas e do mesmo Lugar da Vera Cruz. No anno e ocazião refferida veyo da nobre e notável villa de Moura hum Homem a quem por oculata Providencia Divina entrou o Demónio no corpo e fazendo alguns exorcistas e o mesmo Parrocho, os exorcismos costumados para expellirem do corpo aquelle maligno espírito. Mandou o parrocho exorcista que logo em virtude da santa cruz e relliquia deixasse aquelle corpo e se auzentace delle para sempre, e como não sofria o contacto da sagrada relliquia logo deixando aquelle corpo deu também o signal de mais lhe não entrar e mandandocelhe deixace signal de tudo o que prometia, Lançou pella boca huma conta amarella que houje se concerva enfiada para mostra de quem a quer ver; e assim ficou aquelle corpo livro bendita e louvada seja a omnipotência Divina a quem tudo obedece e de quem o inimigo infernal treme.¹⁹

O poder se aproximar, tocar, beijar e solicitar ao divino tocável um favor, um milagre, cura e libertação, fazia com que homens e mulheres sedentos por essa experiência extraordinária fomentassem o culto aos objetos santos e seus efeitos miraculosos testemunhando verdadeira manifestação espiritual. “A crença de que em um minúsculo fragmento poderia conter a essência completa da santidade que dele emanava gerou excessos de todo tipo, demonstrando a importância desses vestígios sagrados para a massa dos fiéis” (NASCIMENTO, 2021, p. 65). A presença de cultos tanto a Paixão²⁰ quando à suposta Vera Cruz de Cristo possui significado simbólico importante para a história de Portugal e para a compreensão dos símbolos de fé cristã no medievo ou, especificamente, neste contexto peninsular Ibérico.

Podemos partir da reflexão de Jacques Le Goff (1990) que caracteriza o imaginário, a fertilidade de pensamentos, ações e cosmovisão do homem medieval como sendo partes de

¹⁹ PATALIM, Francisco de Macedo da Pina, [1730], 1992.

²⁰ O culto em memória da Paixão de Cristo antecede ao culto do Santo Lenho. Para tanto, ver MARQUES, 2008, p. 580

uma “metamorfose da memória”²¹. Esse tipo de transformação que o autor se refere está presente nas formas de culto, no imaginário do homem medieval quando estes, celebram cultos e rememoram os santos mártires, os santos servos de Deus e, valorizam, de forma devocional, as representações artísticas e as narrativas rememorativas da vida e sofrimento de Cristo e dos Santos.

A realidade desses cultos e de seu caráter edificador para os cristãos é evocado pelo historiador José Marques (2008) em seu estudo sobre a implantação dos cultos tanto da Paixão como da Santa Vera Cruz no Norte de Portugal. O autor trabalha debruçado sobre as memórias paroquiais que rememoram o sofrimento e a dor do Senhor da Humanidade, o Cristo, Cordeiro de Deus. “Nas múltiplas expressões do culto da Paixão quem está no centro da fé e da devoção dos fiéis é o próprio Jesus Cristo, que carregou até o alto do Calvário a Cruz em que foi crucificado e nela consumou, com último suspiro, a sua missão redentora.” (MARQUES, 2008, p. 572). É mostrado em abundância que a característica memorialística do culto à Paixão e a Cruz do Cristo se encontra presente na edificação de capelas, altares e confrarias que possuem não apenas o simbolismo religioso por meio de ícones e escrita como também uma vivência que demonstra frutos de piedade na membresia dessas instituições, ou seja, uma transformação social de caráter devocional. Le Goff (1990) aponta o cristianismo como sendo histórica e teologicamente uma “religião de recordação”, sobre isso, ainda diz que:

E isto em diferentes aspectos: porque atos divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto do culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insistem, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental. (LE GOFF, 1990, p. 382).

É perceptível que a interpretação religiosa das escrituras e das exposições postas por líderes religiosos cristãos se baseiam nessa necessidade da lembrança, da remontagem de eventos, encenações e veneração de objetos santificados que alimentam a memória da Vida e Morte de Cristo, bem como de forma indiferente— porém, com menos peso— a rememoração de santos reconhecidos pela Igreja Católica como sendo agraciados por Deus em seus legados deixados.

Para se ter um exemplo de devoção e identificação dos traços religiosos dos cultos a Paixão e a Santa Cruz de Cristo em Portugal, trago os vários títulos de confrarias e capelas apresentadas por José Marques que ressignificam as vertentes da Paixão de Cristo, sendo

²¹ Diz respeito às transformações no modo de pensar na transição da Antiguidade para a Idade Média. Le Goff se refere à cristianização da memória acerca da morte, dos mortos, do tipo de comunicação oral, escrita e as representações do “divino”. Ver LE GOFF, 1990, p. 382

esses títulos: “Bom Jesus, Bom Jesus da Cruz, Bom Jesus da Boa Morte, Bom Jesus da Via-Sacra, Senhor dos Passos, Santos Passos, Senhor das Ânias, Senhor dos Aflitos, Senhor da Agonia, Senhor Preso [à Coluna], Santas Chagas, Senhor do Alecrim, Senhor da Cana Verde, etc.” E Sobre os títulos do culto à Cruz: “Santa Vera Cruz, Santa Cruz e Santo Lenho.”(MARQUES, 2008, p. 572). O simbolismo que cada título possui é justificado pelas narrativas católicas e alimentado pela narrativa bíblica. Os cultos possuem um papel importante na vida dos cristãos e no contexto social no qual o mesmo está inserido.

No caso do Santo Lenho de Marmelar, a relíquia da suposta Vera Cruz, como dito acima, muito colaborou para o desenvolvimento socioeconômico da época. Além do uso religioso desses objetos, destaca-se também seus usos políticos em atrair pessoas, povoar regiões e fortalecer o poder do governante portador de tal fragmento. Sobre seu aparecimento e usos políticos apresentaremos no próximo capítulo deste trabalho.

Entendemos então que o culto é prestado como sendo um ato de gratidão e busca-se ter o caráter “cristocêntrico” nas principais liturgias que tratam da memória. Na própria Bíblia que é tida como a Palavra de Deus, pode-se notar que a palavra memória (*in memoriam*)²² que diz respeito à lembrança é encontrada várias vezes tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, enfatizando a importância da perpetuação dos legados deixados. Em uma das cartas escrita por Paulo de Tarso (Apóstolo Paulo ou São Paulo) à Igreja de Corínto o Apóstolo enfatiza um momento do culto à Deus que é tido como principal sacramento²³ para os fiéis: a *eucaristia*²⁴. Os elementos²⁵ que compõe este sacramento são então carregados de significado, uma vez que o próprio Cristo ordenou que todos aqueles que cressem Nele participasse então deste rito em sua memória: “O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão, e, tendo dado graças, o partiu e disse: isso é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isso em memória de mim”. (1 Co. 11: 23-24).

Em Portugal os cultos dedicados a Vera Cruz é uma realidade nos dias atuais. A crença de que o sagrado Lenho possui poder e se refere realmente a Madeira na qual o Salvador foi pregado é algo real na vivência religiosa local. O zelo e a devoção pela relíquia mostram-nos a sua real importância para os fiéis, sendo esse objeto de muita influência nos desdobramentos da história de Portugal.

²² Usa-se com referência à lembrança de alguém, um finado, por exemplo.

²³ A palavra sacramento é muito utilizada na teologia para designar as instituições fundamentais na vida religiosa cristã, acredita-se ser algo instituído por Deus, abençoado, reconhecido e aceito de forma aprazível a Deus.

²⁴ Ceia do Senhor, Santa Ceia, Comunhão com o Senhor.

²⁵ Neste contexto, especificamente, o autor da carta se refere aos componentes principais da Ceia do Senhor: o pão e ao vinho.

Visto isso, o culto então possui o caráter de comunhão entre os envolvidos, a lembrança, como pontuado por Le Goff (1990), é o ponto central do culto, trazendo consigo marcas de amor, sofrimento, dor, vida, morte, ressurreição, triunfo e glória. Todos os pecados da humanidade foram pagos na Cruz, Cristo carregou-os sobre seus ombros e os pagou em sacrifício vivo e Santo a Deus, sua morte vicária e seu sacrifício expiatório carregaram de significado o seu objeto de martírio, perpetuando seu simbolismo para os fiéis.

CAPÍTULO 2

A RELÍQUIA DO SANTO LENHO DE MARMELAR

Com a ascensão de D. Afonso III ao trono, pode-se notar alterações que foram fulcrais para o desenvolvimento político de Portugal. Com sua chegada ao poder, em 1248, na tentativa de propiciar a estabilidade do reino, buscou meios para solidificar sua presença de forma que abrangesse espaços geográficos mais isolados e menos povoados. No ano de 1258 já no poder, o rei articulou a formação de um senhorio em Portel, município não muito povoado e localizado em uma região fronteiriça, exigindo aos Conselhos da região para que renunciassem parte de suas terras e do que nelas estavam edificadas em benefício a D. João Peres de Aboim²⁶, homem de confiança e seu companheiro de armas, para que desta forma, pudesse ter um maior domínio sobre esta região, formando desse modo o Senhorio de Portel²⁷. Este nobre seria o representante oficial do rei no território que viabilizaria o controle deste espaço.

Ao se tratar da comenda doada, é possível notar a intenção do monarca em sistematizar um plano estratégico que visava seu reconhecimento e presença naquele lugar. Após a concessão das terras o rei autorizaria a D. João de Aboim a construção de um castelo/fortaleza, o qual serviria para a residência do mesmo. Sua intenção era garantir uma presença mais efetiva naquele território, que era de fronteira entre sarracenos²⁸ e cristãos, ou seja, local de possíveis conflitos. Em tempos de grandes disputas entre religiões opostas é possível compreender as atitudes tomadas pelos líderes dos continentes em defender suas crenças e valores; a partir disso, a preservação cultural e religiosa assim como o domínio e a proteção sobre terras, foram recorrentes durante a Idade Média.

Com a confirmação da herdade de terras, o Senhor de Portel deu início a construção e desenvolvimento da região que lhe foi confiada. Ainda no ano de 1258, se deu início a novas edificações juntamente com Afonso Pires Farinha²⁹, construindo um mosteiro hospitalário na

²⁶ Foi companheiro de juventude do Infante Afonso (futuro rei Afonso III), acompanhando-o na sua estada em França. Regressa com ele a Portugal, combatendo a seu lado contra D. Sancho II e no processo de conquista do território nacional. PAGARÁ (2006 p. 26).

²⁷ O concelho de Évora fez doação de uma herdade situada no termo desse mesmo concelho a D. João Peres de Aboim e à sua mulher e filhos.

²⁸ Forma usada pelos cristãos da Idade Média para designarem os muçulmanos.

²⁹ Segundo Ana Pagará (2006, p.22, apud VENTURA, Leontina, 1992, vol. II, p. 746) Afonso Pires Farinha encontra-se documentado como freire da Ordem do Hospital entre 1250 e 1266; Prior da mesma ordem entre 1260 (sucendo a Frei Fernão Lopes) e 1276; comendador de Leça e Lima em 1281.

região³⁰. Ao se tratar da edificação do Mosteiro hospitalário de Marmelar, pode-se notar mais um traço estratégico por parte do rei em escolher um local para construir um Senhorio: segundo Ana Pagará (2006) há manifestações de historiadores da arte a cerca da estrutura do mesmo, trazendo a possibilidade de a edificação ter sido fundada sob resquícios do período visigótico, estabelecidos na região desde o século VII (p. 23).

Tal facto tem levado alguns historiadores a considerarem a hipótese de a designação —Mosteiro de Marmelar expressa na carta de demarcação do herdamento, datada de 1258, corresponder ao conjunto arquitetónico que restava do estabelecimento fundado no período visigótico e não ao mosteiro hospitalário, o qual viria a ser fundado dez anos mais tarde. (PAGARÁ, 2006, p.23)

IMAGEM 1 – Mosteiro de Marmelar construído sob resquícios de arquitetura visigótica:



Fonte: <https://perspectivasdoolhar.blogspot.com/2016/05/igreja-de-vera-cruz-de-marmelar-ruinas.html>

No ano de 1262, D. João de Aboim concedeu uma legislação oficial a Portel, logo após ter recebido uma confirmação do Papa Alexandre IV de autorização e reconhecimento de sua herdade, concedendo ao mesmo o direito de padroado de sete igrejas³¹ situadas em seu

³⁰ De acordo com PAGARÁ (2006) a inscrição interpretada por Mário Barroca identifica que a edificação do mosteiro aponta que o Frei Afonso Pires Farinha teria edificado o mesmo em um período de dez anos, tendo finalizado a construção no ano de 1268. PAGARÁ, Ana & outros. *Igreja Vera Cruz de Marmelar*. Portel: Página Editores, 2006.

³¹ As referidas igrejas foram: igreja de S. João, igreja de Santa Maria, igreja de S. Vicente de Portel, igreja de S. Pedro de Marmelar, igreja de S. Tiago de Corte de Anaquique, igreja de S. Lourenço de Alqueva e igreja de S. João de Portel Mafamede *A Comenda de Marmelar. Corpus Documental* (1258-1640), edição de FONSECA,

território, assim como também recebeu pelas mãos do Bispo de Évora a jurisdição das mesmas, assumindo então a total responsabilidade de zelar pelas obrigações relativas à sua herdade. A partir daí, começaram-se trabalhos minuciosos para a manutenção e valorização das terras na intenção de criar notoriedade do poder régio nelas estabelecido. Como referido anteriormente, por ser uma região fronteiriça, se fez necessário um planejamento de eficácia contra possíveis guerras. A iniciativa tomada pelo monarca em consolidar sua presença naquele local evidencia sua cautela em manter um maior espaço geográfico sob seu domínio para que assim fosse possível evitar e travar eventuais confrontos. (FIGURA 2)

Visando a estabilidade e garantia de povoação da região, nove anos mais tarde, em 1271 o Senhor de Aboim juntamente com sua esposa D. Maria Afonso em um plano estratégico, concederam o padroado da igreja de Santa Maria à Ordem do Hospital —fator este que certamente também viria ao encontro dos interesses do monarca— assim como de todas as outras igrejas compostas na região, dando assim, início a uma etapa histórica de grande importância, na região do Alentejo, freguesia do concelho de Portel, futuramente portadora do *Lignum Crucis*, a Cruz de Marmelar.

Ao doar parte de sua herdade em benefício à Ordem do Hospital, pode-se notar a intenção de obter resultados positivos e frutuários. O Senhor de Portel propôs um conjunto de regras e condições para o funcionamento e ordem na região, que estava sob sua responsabilidade na condição de Senhor das terras, ao confiar o padroado das igrejas à Ordem do Hospital. De acordo com Costa (2013) ainda no mesmo ano, a doação feita à Ordem, veio a ser confirmado pelo Mestre Geral da Ordem de São João de Jerusalém, Frei Hugo de Revel.

No que diz respeito as condições gerais, fora exigido que todas as outras igrejas da região deveriam estar submissas ao mosteiro; Que todos os freires e religiosos deveriam habitar e zelar da sua sede monástica; e que a Ordem deveria estar sempre a serviço e dedicada ao mosteiro, sendo proibidas qualquer outra edificação inclusive adquirir outras propriedades em Portel, assim como pagar uma quantidade estabelecida para o Senhor das terras de (cem libras) anualmente e que assim fosse feito consecutivamente com seus sucessores. Também aplicar parte dos valores em favor da Ordem e da manutenção do Mosteiro³².

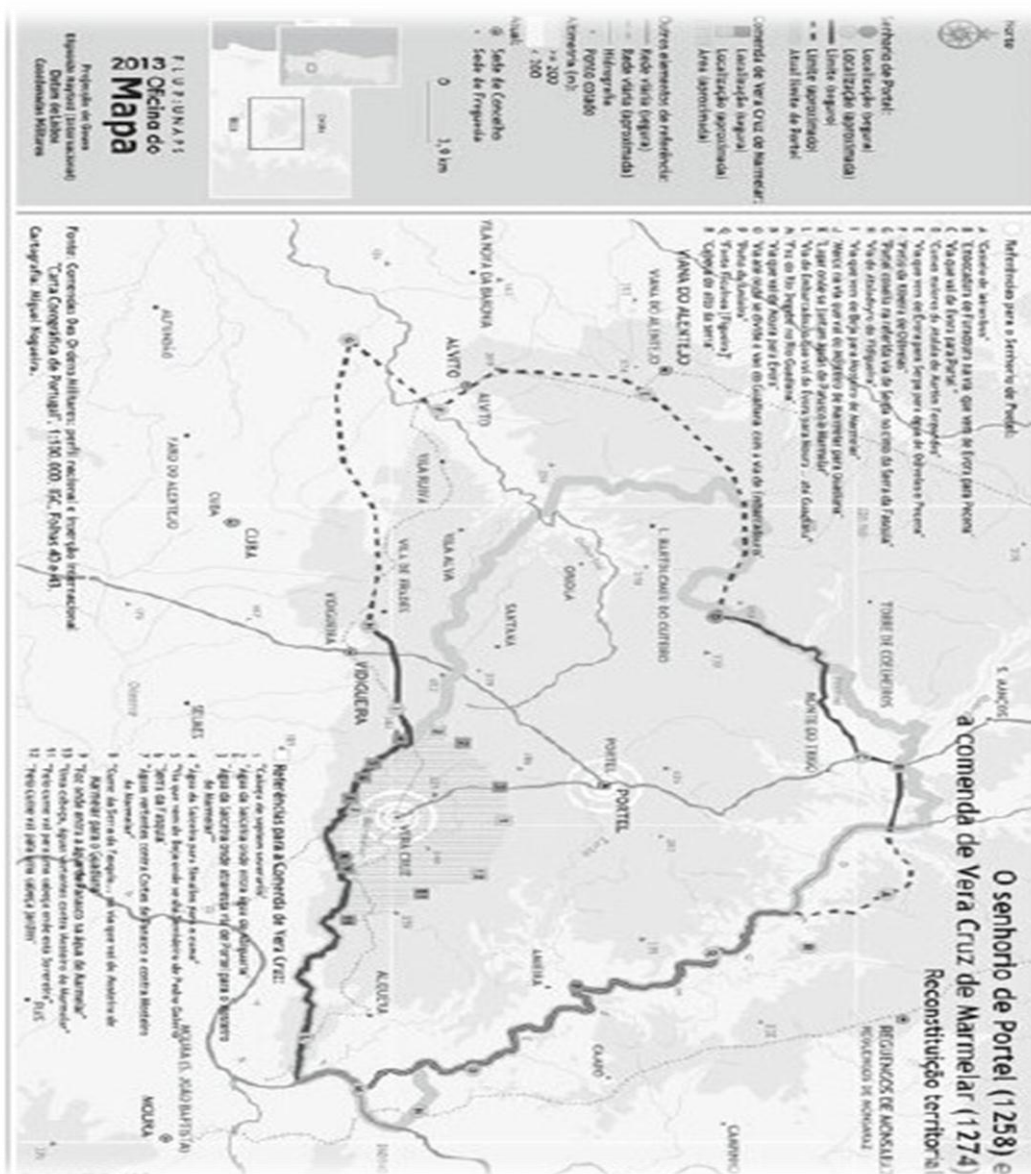
Ao ter recebido a doação de Afonso III a região em que se localizava as ditas terras possuíam pouco desenvolvimento. Ana Pagará (2006) fazendo menção a interpretação de

Luís Adão da; COSTA, Paula Pinto; LENCART, Joana. Coleção *Militarium Ordinum Analecta*, vol. 16. Porto: CEPESE, 2013, p. 39

³² Ver COSTA (2013).

Mário Barroca³³ (a cerca da lápide epigrafada) diz que apenas os espaços fundamentais para o desenrolar da vida regular da comunidade estariam edificadas, incluindo certamente a adaptação da arquitetura do templo existente aos novos critérios litúrgicos. (PAGARÁ;SILVA;SERRÃO, 2006, p. 27). Faz-se notória a intenção de D. João de Aboim em proteger e habitar suas terras, sua intenção e preocupação podem ser notadas no que se referia a estabilidade e proteção das herdades que lhe foram doadas para ascensão de seu poder.

FIGURA 2 – Mapa do Senhorio de Portel (1258) e Comenda de Vera Cruz de Marmelar (1274):



Fonte: COSTA, Paula Pinto; ROSAS, Lúcia. Vera Cruz de Marmelar: a intervenção de Afonso Peres Farinha. n. 22. Porto: CEPSE/ População e Sociedade, 2014. p. 177.

³³ Barroca, Mário Jorge, Epigrafia Medieval Portuguesa (862- 1422), Vol. II, Tomo I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000, pp.939-950.

Uma das principais relevâncias que a Ordem do Hospital obteria com seu enraizamento na Comenda, seria o espaço geográfico em que a mesma está situada. A segurança seria garantida por uma Ordem Militar de cunho religioso, que estaria sempre presente para combater possíveis invasões e prestando apoio bélico a toda região.

Como dito anteriormente, a construção do Mosteiro, teria se adaptado a uma nova arquitetura e novos critérios litúrgicos— e sua formação teria se dado a partir de resquícios da arquitetura visigótica. O mosteiro edificado passaria a ter sua arte e função sacra, condizente com a Ordem hospitalária. Sua construção teve com fundador e juntamente com D. João de Aboim o Freire da Ordem do Hospital e amigo comum do rei: Afonso Pires Farinha, nome que muito colaborou para a criação do Mosteiro de Marmelar. O referido freire da Ordem teria participado de algumas batalhas importantes a favor dos cristãos, combatendo os mouros e recuperando terras a favor de Afonso III.

2.1 A Igreja de Vera Cruz de Marmelar e o Santo Lenho

Um fator que muito valorizou a região e que ainda hoje é alvo de veneração e reconhecimento foi a relíquia do Santo Lenho, depositada na Igreja de Vera Cruz de Marmelar, nome este que foi dado devido ao objeto sacro que se encontra em um relicário da igreja³⁴. Através disso, como saber a trajetória da relíquia até o local onde se encontra? Quem foi o responsável pelo seu transporte? A partir do relato apresentado por Francisco Patalim, acredita-se que o fragmento que simboliza a paixão de Jesus Cristo se deu notícia pela primeira vez através de Afonso Pires Farinha em uma de suas viagens feitas pela Terra Santa já que em sua lápide funerária havia registrado que o mesmo teria atravessado o mar por duas ou três vezes:

“Segunda notícia do santíssimo lenho do Agiologio Luzitano, composto pello Ilustre Jorge Cardozo no Tomo 3º folha 55 e dis a noticia depois de haver tratado o author de outras couzas — as palavras seguintes: (...) esta Famoza relliquia trouxe de Hierusalem Fr. Affonso Pires Farinha Prior do Hospital, o qual edificou este mosteiro [de Marmelar] à instância do illustre D. João de Aboim (...). He certo, segundo a tradição e voz constante, que vinha esta relliquia a Sé de Évora deregida e chegando ao lugar da Fonte Santa, nunca a mula que a trazia quis passar adeante athe que lhe foi tirada a sagrada carga e para que não service em profanos uzos, estalou de repente, com admiração de todos, que ali se acharão; e para ficar mais famoso o prodígio brotou a terra hum canal de agoa que houje persevera com o título da Fonte Santa. E conforme a mesma tradição consta que o Arrieiro metendo na terra a vara com que picava a mula, em continente se vio hum fermoço pinheiro de que ainda há memorias, e de que levando os romeiros feito em cruces obrava por ellas o Ceo grandes maravilhas; tudo isto consta da tradição à qual nada acrescento,

³⁴ Para tanto, ver PAGARÁ (2006).

e ainda hoje por maravilha se conserva o pé do dito pinheiro tão fresco e verde, que he admiração de todos (...).” (PATALIM, Francisco de Macedo da Pina, *Ob. cit.*, [1730], 1992).

No entanto, Costa (2013) afirma que não há provas comprovativas de que Frei Afonso Farinha tenha trazido o objeto sacro consigo em uma de suas viagens, já que em sua lápide onde estavam registrados seus feitos sequer havia algo que se referisse ao Santo Lenho. Esta lápide é comemorativa da conclusão das obras do mosteiro e faz um pequeno relato da vida de Frei Afonso Peres Farinha (COSTA; 2013: 43).

As relíquias cristãs foram objetos de prestígio durante a Idade Média, acreditava-se que esses fragmentos possuíam grande poder miraculoso, através de pedaços de objetos deixados e/ou tocados pelos santos mártires, assim como fragmentos coletados do próprio corpo dos mesmos. Muitos acreditavam que as relíquias teriam poderes de curar, de atender aos pedidos e até mesmo a ressuscitar pessoas através da manifestação do *divino* através dos objetos³⁵.

É perceptível que o Santo Lenho muito valorizou a freguesia de Portel, a história de seu paradeiro na igreja situada nas terras em que fora anteriormente organizada e construída por Ordem de João Peres de Aboim, aumentando a peregrinação e dando origem a diversas feiras³⁶ na região. A origem da relíquia segue em volta de mistério, há tradições, como mencionado anteriormente, de ter sido Afonso Pires Farinha o responsável pela trajetória da relíquia até a cidade que, na verdade, estaria sendo transportada para a Sé de Évora e que devido estar passando por reformas o objeto teria ficado onde se encontra até os dias de hoje. Porém, a documentação mais antiga que menciona a referenciada relíquia encontra-se no testamento de D.Dinis, sucessor de Afonso III; “(...) e mando que tornem logo ao Marmelar a Cruz de Ligno Domini que ende eu mandei filhar emprestada, caa nó filhei eu se no por devaçam, que em ella avia, e com entençom de a fazer tornar hu ante ssia. [Testamento do Rei D. Dinis, 1322]”³⁷.

³⁵ É grande a necessidade que muitas pessoas sempre tiveram em estar próximo a algo considerado Santo. Daí a busca incessante pelo contato corporal com as relíquias, que precisam ser entendidas como representações palpáveis da onipresença da Trindade Santa entre os mortais, fazendo uma ligação entre este mundo e o sobrenatural. COSTA; NASCIMENTO (2017: 73).

³⁶ Pontos comerciais que vitalizaram a economia regional, com o alto número de peregrinos que visitavam a região para a prestação de culto ao Santo Lenho, a comercialização de produtos locais e a obtenção de outros produtos trazidos por pessoas de fora possibilitavam a nutrição econômica regional e beneficiavam a Ordem Hospitalária.

³⁷ Publicado – SOUSA, António Caetano de – *Provas...*, tomo I, livro II, p. 127; PAGARÁ, Ana; SILVA, Nuno Vassalo e; SERRÃO, Vitor – *Igreja Vera Cruz de Marmelar*, p. 53.

Outro cenário que aparece a manifestação da sacralidade deste objeto foi na Batalha do Salado (1340)³⁸ regida pelo rei de Portugal Afonso IV e de seu companheiro de armas D. Álvaro Gonçalves Pereira³⁹, onde é narrado que a vitória foi possível, graças a presença da relíquia no campo de batalha e sua graça miraculosa manifesta a favor dos cristãos. —Disse [a] dom Alvaro Gonçalvez de Pereira [...] que fizesse mostrar a Vera Cruz do Marmelar que lhi el mandara trager. (FERNANDES, 2012, p. 81). Posteriormente a relíquia teria sido dividida em duas partes para a estadia tanto na Sé de Évora quanto no Mosteiro, na intenção de preservar aquilo que foi causador de grandes milagres e que posteriormente, viria a dar iniciativa a datas comemorativas em relação à sua sacralidade. O surgimento de feiras no local também veio a se dar graças ao reconhecimento que a relíquia havia tomado pelo seu caráter miraculoso. De acordo com Pagará (2006):

Um aspecto interessante a abordar quando se fala de Vera Cruz de Marmelar é a ligação que se promoveu, ao longo dos séculos, entre a vivência religiosa do lugar, desenvolvida em torno do culto da relíquia do Santo Lenho, e a realização de eventos de carácter comercial, tal como foi comum desde a Idade Média. O entendimento da importância desta associação por parte dos comendadores de Vera Cruz proporcionou uma certa vitalização sócio-económica na região e, em particular, nesta aldeia. A economia local beneficiava bastante com a realização de feiras, uma vez que estas permitiam o escoamento de produtos locais e a compra de outros necessários, atraindo gente e mercadores de todo o lado. O tempo da feira garantia uma —paz temporária para quem a frequentasse, com determinadas regalias dos pontos de vista jurídico e económico. Neste campo, o papel dos monarcas portugueses foi determinante ao conceder a chamada —Carta de Feiral a Vera Cruz, numa clara intenção de beneficiar a comenda hospitalária e promover o desenvolvimento sócio-económico da região. (PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 41)

A comenda de Marmelar ganhou grande reconhecimento e importância ao ser entendida como portadora deste objeto sagrado. Graças a fontes documentais importantes como: Igreja Vera Cruz de Marmelar (PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006); A Comenda de Vera Cruz de Marmelar (1258-1640) (FONSECA; COSTA; LENCART, 2013) que narram a estadia da relíquia em Marmelar, foi possível abordar de forma satisfatória a estadia do Santo Lenho em Portel, bem como sua significância para a comunidade local e seu caráter milagroso manifesto. Tais fontes tem nos prestigiado com informações a cerca do que envolve a relíquia, nos possibilitam e nos direcionam a trabalhar mais intensamente em prol do que

³⁸ FERNANDES, Fátima Regina. O Poder do Relato na Idade Média Portuguesa: a Batalha do Salado de 1340. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, v. 4, n. 1, 2012: 75-84

³⁹ Foi Prior da Ordem do Crato até 1375, testamenteiro do sucessor de Afonso III o rei D. Afonso IV (1357) e combatente na Batalha do Salado (1340).

envolve a mesma e seus usos. Sabemos que a peregrinação, os atos devocionais e o uso político da relíquia sempre estiveram presentes desde sua visibilidade, possibilitando maior reconhecimento e enriquecimento cultural/regional por conta do caráter milagroso manifesto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas sobre as vivências religiosas presentes na Idade Média possibilitam-nos enxergar as relíquias como sendo parte importante da espiritualidade medieval. A busca e veneração dos vestígios atribuídos a Cristo deram início à identidade cristã e sua representatividade no contexto religioso medieval.

A notoriedade dessas relíquias e a exaltação das mesmas são encontradas após o século IV. A procura por estes objetos fez o seu simbolismo ecoar a quilômetros de distância, ultrapassando fronteiras e continentes, exaltando o milagre da ressurreição, das promessas e do poder manifesto do filho de Deus. O eixo do cristianismo encontra-se nas narrativas que relatam a vida, a morte e ressurreição de Jesus Cristo. “Um dos eventos fundadores da religião cristã foi o episódio de paixão e morte de Jesus, infinitamente repetido como exemplo para os cristãos em todos os períodos de sua história” (CYMBALISTA, 2011, p. 31)

O poder da atração é evidenciado pelas buscas intensas dos peregrinos, e a estadia da relíquia em determinado local assegurava mais proteção, povoamento e demonstração de poder. Os usos desses fragmentos tiveram grande importância no desenvolvimento de algumas regiões (principalmente fronteiriças), sendo compreendidos como recursos para o desenvolvimento da época, atitudes estratégicas por parte dos governantes e disputas pela posse das mesmas. Em tempos de grandes tribulações, doenças, guerras e morte, ter refúgio em algo considerado “protetor” e “portador de poder celeste” era algo bastante procurado. É compreensível que os símbolos de poder atribuídos às relíquias eram tidos como uma espécie de proteção e conforto, a proximidade com o “divino tocável” é entendido também como portas de acesso ao transcendente, valorizando os objetos intitutados como santos e aumentando a notoriedade dos mesmos. Devido às várias perseguições pelos romanos, a religião cristã muito se propagou e fortaleceu devido aos cultos aos mártires, pessoas tidas como participantes dos sofrimentos de Cristo. Nota-se também que as transformações do pensamento acerca da vida, morte, mundo físico e espiritual, enquadram-se no que Jacques Le Goff (1990)⁴⁰ chamou de “metamorfose da memória” por se tratar de uma forma “cristianizada” de percepção sobre o mundo dos vivos e dos mortos. A crença na intervenção do mundo espiritual sobre o mundo físico deu forma a novas modalidades de cultos cristãos com características sincréticas das culturas

⁴⁰ LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p. 382

judaica, pagã e helenística, dando início a procura de tumbas de santos mártires, acreditando na intervenção espiritual por meio dos restos cadavéricos ou objetos usados pelos santos.

A crença nos objetos sagrados e a procura por restos de santos como: ossos, unhas, pelos, sangue ou objetos usados e tocados pelos mesmos se tornaram comuns, incentivando a comercialização dos referidos objetos. O elo entre vida e morte é evidenciado pela busca das frestas de um mundo espiritual acessível aqui na terra. A dissolução dos problemas, para muitos, era tida como certa, frente ao poder emanado dos restos santos ou de simplesmente um objeto tocado por ele. É possível notar que há tipos, graus e teores de santidade diferentes em cada situação. A santidade em vida é confirmada pela conduta de vida do santo, e seus efeitos são a admiração e exemplo a ser seguido pelos crentes. A santidade póstuma, de acordo com as narrativas, evidencia-se pelas relíquias que sustentam o poder taumatúrgico dos santos atuando no mundo dos vivos.

O caráter milagroso desses objetos é de grande complexidade, pois os efeitos de tais milagres podem ocorrer em várias situações que, embora tenhamos dificuldade em discernir, acontecem para o fiel. A cura de alguma enfermidade, por exemplo, pode ocorrer, mas a natureza da cura pode ser natural, conforme Bloch⁴¹ observa nos relatos sobre a taumaturgia dos reis e a manifestação de curas recebidas através do toque. Aqui a nossa intenção não foi propor uma discussão teológica, mas sim a compreensão das transformações sociais e religiosas do homem medieval.

A presente pesquisa sobre o culto às relíquias, narrativas, usos políticos e sua influência apresentou-nos um banquete de novas possibilidades para o estudo das representações, viabilizando não apenas uma análise documental, mas também artística, religiosa, política e abrangentes que viabilizam novas investigações sobre o tema.

⁴¹ BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 264

REFERÊNCIAS

BARROCA , Mário Jorge, **Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)**, Vol. II, Tomo I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia,2000, p.939-950.

BARROS, J. D'A. **A Nova História Cultural - considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 1º sem. 2011.

BEIRANTE, Maria A. **Territórios do Sagrado: crenças e comportamentos na Idade Média em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.

BLOCH, M. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio**. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CARVALHO. Rui G de. **O Santo Lenho da Sé de Évora: arte, esplendor e devoção**. Lisboa: Fundação Eugénio de Almeida, 2011.

CESARÉIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. São Paulo, Paulus, 2000. (Patrística; 15), p. 505.

COSTA, Paula Maria P. **A Ordem Militar do Hospital em Portugal: dos finais da Idade Média à Modernidade**. In: *Militarium Ordinum Analecta*. Fundação Eng. António de Almeida, 3/4, 1999/2000.

_____ PIMENTA, Maria C. **A Cruzada e os objetivos fundacionais dos Ordens Religioso-Militares em Portugal**. Separata da Revista Portuguesa de História, Tomo XL, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008/2009.

_____ **A Presença dos Hospitalários em Portugal.** Gavião: Ramiro Leão, 2010.

_____ ROSAS, Lucia. **Vera Cruz de Marmelar: a intervenção de Afonso Peres Farinha.** n. 22. Porto: CEPES/ População e Sociedade, 2014. p. 177.

CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras. Os mortos e a ocupação do território lusobrasileiro.** São Paulo: Alameda, 2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano;** [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992 p. 13-16.

FERNANDES, Fátima Regina. **O Poder do Relato na Idade Média Portuguesa: a Batalha do Salado de 1340.** **Revista Mosaico - Revista de História,** Goiânia, v. 4, n. 1, 2012 p. 77-84.

FONSECA, Luís Adão da; COSTA, Paula P; LENCART, Joana (ORG). **A Comenda de Vera Cruz de Marmelar Corpus Documental (1258- 1640),** Porto: Militarum Ordinum Analecta- Fontes para o Estudo das Ordens Religioso- Militares, 2013.

FRANCO, Hilário Jr. **Relíquia, metonímia do sagrado.** In: *Historiae*, v.1, n.1, UFRG, 2010, p.9-29.

GAMEIRO, Aires. **Hipóteses sobre a integração subjectiva das religiosidades culta e popular. Análise psicossocial.** In **Religiosidade Popular.** Estudos Contemporâneos. Porto: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984. pgs 129- 140.

GOMES, Saul. **Sagrados Monumentos, relíquias de mártires e de santos em Portugal.** *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, ano VIII, n. 15, p. 59-84, 2009.

LE GOFF, Jacques. **“As mentalidades: uma história ambígua”** In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.) **História: Novos Objetos,** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____ **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

_____ **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MARQUES, José. **O culto da Paixão e da Santa Vera Cruz no Norte de Portugal**. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HERMANDADES Y CONFRADÍAS DE LA VERA-CRUZ, dez. 2008. Anais [...]. [S. l.], 2007. P. 569-626.

MATTOSO, José. **Poderes Invisíveis. O Imaginário Medieval**. Lisboa: Círculo de leitores, 2001.

MONTE, Gil do. **Subsídios para a História de Vera Cruz do Marmelar**, Associação Museu d' Aldeia de Vera Cruz, Portel, 1997.

NASCIMENTO & Costa, Paula P. & COSTA, Paula Pinto. **A visibilidade do Sagrado: Relíquias Cristãs na Idade Média**. Curitiba: Prismas, 2017.

_____ **A Visibilidade do Sagrado: Relíquias Cristãs na Idade Média**. 2. ed. Curitiba: Appris, 2021.

_____ **Aos Pés da Santa Cruz: A Relíquia da Vera Cruz em Marmelar (Séculos XIII e XVI)**. In **Revista de História da UEG**. Anápolis: Vol.4, n.1, 2015. p. 254-263.

_____ **A relíquia do Santo Lenho em Portugal: Narrativas de Milagres**. **História Revista**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 105-120, 2014

O Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Filadélfia: CNP, 1994/1995.

PAGARÁ, Ana & outros. **Igreja Vera Cruz de Marmelar**. Portel: Página Editores, 2006.

RUNCIMAN, Steven. **História das cruzadas: A Primeira Cruzada e a Fundação do Reino de Jerusalém.** (Vol. I). RJ: Imago, 2003.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e. **O Sangue. A Cruz e a Coroa- A Memória do Salado em Portugal.** In **Penélope: Fazer e Desfazer História.** N° 2: Lisboa: 1989 p. 28-44.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade da Idade Média Ocidental (séc. VIII-XIII).** Lisboa: Estampa, 1995.